

História brasileira num castelo medieval

Num pequeno palacete normando, a um quilômetro do Estádio do Pacaembu, Sérgio Buarque de Holanda criou um mundo medieval que denominou de "Quitandinha". Seis mil livros compõem sua vastíssima biblioteca. Livros seiscentistas e setecentistas compõem a sala de visitas pequena e ensolarada. Entre as pratas antigas destacam-se telas de Di Cavalcanti, Aldemir Martins, Pedroso Horta.

Enquanto esperávamos para fazer umas perguntas, Sérgio ia mostrando suas obras-raras. Um livro de 400 anos, o original de uma ata da reunião do primeiro partido político fundado no Brasil, o Partido Republicano Federal. A reunião foi realizada em 1893, presidida por Quintino Bocaiuva, no Rio.

NÃO QUER VOLTAR

Sérgio não quer voltar à crítica. É ele quem diz:

— Nunca tive, realmente, muito amor à crítica que fiz em caráter transitório, como ganha-pão. Depois, não tenho mais tempo para leituras diversas e análises críticas. Não posso ter outras preocupações a regular remunerada. Todo o meu tempo disponível, inclusive sábados e domingos, é dedicado à cátedra universitária e às minhas obras.

DEFINIÇÕES

Passamos, depois, a uma série de perguntas, às quais Sérgio respondia sem preâmbulos.

— Quais os rumos da sociologia brasileira?

— Não posso responder. Não me considero sociólogo e sim historiador.

— Qual a sua definição histórica do homem brasileiro?

— Prender-se ao passado pelo passado é perder tempo. Definir o homem brasileiro sob o ponto-de-vista histórico à contradição. A lição principal de história é que os homens se transformam. Esse conceito dinâmico da história é que interessa. O resto é arqueologia, é antiquarismo.

Procuramos saber se o historiador paulista escreveria novamente "Raízes do Brasil". Respondeu-nos:

"Escrevi "Raízes" aos poucos, começando na Alemanha. Hoje, provavelmente não o escreveria. Não propriamente que esteja em

desacôrdo com o livro, mas não gostaria de escrevê-lo hoje.

CORDIALIDADE

Sobre a tese de ser ou não o homem brasileiro cordial, afirmou-nos Sérgio:

"Já refutei a tese. Disse então que a "cordialidade não permanece inmutável no homem brasileiro, particularmente na vida rural, estando fadada a desaparecer, onde não tenha desaparecido de todo". Cordial aí está no sentido etimológico, de coração".

— E o seu "Monções"?

"Devia ser um capítulo de "Caminhos e Fronteiras", mas se desenvolveu e virou livro".

VISÃO

— Qual a tese de "Visão do Paraíso"?

"Visão do Paraíso" foi escrito em quatro meses e meio; é talvez por isso meu livro de mais unidade, pois não parei para escrevê-lo, com o amplo material que vinha acumulando há anos. Examinei no livro os esquemas medievais com idéias de paraíso terrestre existindo, atualmente: primavera eterna, longevidade, nem frio nem calor, doenças etc."

"O tema constante do paraíso, com edenização do mundo, é tema constante do mundo americano — e isso está aumentando. Viajantes enleados por essa idéia correram o Brasil, procurando o Eldorado. Nesse ponto, digo que a era medieval foi muito mais realista que a Renascença, por exemplo, que apenas engrandecia tudo. No livro procuro explicar o que essa visão edênica implicou no descobrimento, exploração e colonização do Brasil. Cabral chegou a dizer numa de suas

cartas: "Encontrei o Paraíso..."

REMINISCÊNCIA

Perguntamos a Sérgio se o misticismo nordestino seria uma reminiscência medieval. Disse-nos:

"Creio mais em condições sociais adversas gerando o sebastianismo brasileiro. veja-se o movimento do contestado, em Santa Catarina, o outro foco encontrado por Martins em Minas Gerais, o próprio caso de Canudos e assim por diante".

— E que acha de Brasília?

"Construir a nova capital não é erro, sobretudo quando o empreendimento leva o endosso da arquitetura de Lúcio Costa e Niemeyer. Sua pressa é que se condena. Na verdade os portugueses foram caranguejos em nossas costas — e a interiorização da capital ficou prejudicada. Há mais de um século ela deveria ter ocorrido. Vejo também que a construção de Brasília está dentro da nossa mania de grandeza, uma visão edênica das coisas, ressuscitando aqui a tese do meu último livro".

— Sobre Kubitschek?

"Gostei muito de uma piada que corre a de que em seu próximo aniversário ele vai ganhar um século para ver de perto".

— Que acha do movimento nacionalista?

"O Brasil precisa transformar realmente sua economia, que ainda é de base colonial. Precisa emancipar-se, daí autenticidade do nacionalismo como tal. Contudo tal tendência é perturbada, prejudicada pelo aspecto demagógico que tomou. No século passado, nos Estados Unidos, houve movimento contra os capitais ingleses. No Brasil, agora, o movimento toma os mesmos aspectos condenáveis político-demagógicos.

ARTE

Passamos depois a vários assuntos, incluindo arte. Quisemos saber o que ele achava da Bienal e ele deu sua opinião:

"A Bienal é uma grande realização brasileira, de importância mundial. É educativa e monumental. Destaco nesta, além das mostras de outras épocas e os revolucionários atuais, Van Gogh.

— E você, por que se considera um historiador e não um sociólogo?

"A sociologia no Brasil sempre teve o cunho e o caráter históricos. Os estudos sociológicos têm-se desenvolvido mais nas cátedras universitárias, principalmente na Faculdade de Filosofia e Escola de Sociologia, ambas de São Paulo, com contribuições muito importantes.

— Voltando à literatura, gostou de algum livro, ultimamente?

"Tenho lido pouquíssimo. No entanto, "Grande Serão Veredas", é obra dominante na literatura brasileira. Gostei muitíssimo".

NOTA BIOGRÁFICA

Sérgio Buarque de Holanda nasceu em São Paulo, em 1902. Começou seus artigos, ensaios e estudos para jornais e revistas de São Paulo e depois do Rio.

Fêz parte do movimento modernista de 1922. Com Prudente de Moraes, neto, fundou a revista "Estética". Percorreu vários países da Europa em missão jornalística.

Seu primeiro livro saiu em 1933, "Raízes do Brasil". Foi professor de Cultura Luso-Brasileira e de História da América na Faculdade de Filosofia do Distrito Federal.

Foi chefe de seção de publicações do Instituto Nacional do Livro e depois da Biblioteca Nacional.

Em 1946 voltou para São Paulo para dirigir o Museu Paulista. A partir de 1948 entrou como professor de História Econômica do Brasil na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Em 1956 passou para a Faculdade de Filosofia de São Paulo, onde se efetivou por concurso.

OBRAS

Conjuntamente com Otávio Tarquínio de Sousa, escreveu, em 1944, o livro "História do Brasil", obra didática, de acordo com o programa da 3.ª série ginásial.

Em 1945 publicou "Monções", sobre a história paulista. É de sua autoria, escrito em 1946, o prefácio ao volume das "Obras Completas" de José Bonifácio de Andrada e Silva, época em que também publicou uma conferência sobre as "Monções", no Curso de Bandeirologia.

Em 1948 escreveu "Os Primórdios da Expansão Paulista no Fim do Século XVI e Comêço do Século XVII".

Em 1949 publicou "Índios e Mamelucos na Expansão Paulista", separata dos Anais do Museu Paulista.

Em 1957 publicou "Caminhos e Fronteiras", obra de estudo histórico.

Foi presidente da Associação Brasileira de Escritores, seção do Distrito Federal, em 1945, e, seção de São Paulo, em 1947 e em 1950.

Em 1941 viajou para os Estados Unidos a convite da Divisão de Cultura do Departamento de Estado norte-americano e lá participou das mesas-redondas organizadas pela Universidade de Chicago sobre problemas interamericanos.

Em 1949 participou sucessivamente de três comitês da UNESCO em Paris, relacionados com matérias de sua especialidade, e realizou uma conferência na Sorbonne.

Em 1950 participou do Primeiro Seminário Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, reunido em Washington.

De 1952 a 1954 esteve na Itália, onde deu um curso de Estudos Brasileiros na Universidade de Roma.

Ainda em 1954 tomou parte na série dos "Rencontres Internationales de Genève", onde fez uma conferência seguida de debates sobre o tema "L'Europe et le Nouveau Monde", publicada no mesmo ano pelas edições de "La Baconnière", em Lausanne.

Seu livro "Raízes do Brasil" foi traduzido para o italiano e publicado na Itália em 1954, e traduzido para o espanhol e publicado no México em 1956.

HISTORIADOR



Sérgio Buarque de Holanda vai publicar outros livros, incluindo um estudo sobre Euclides da Cunha

PRÓXIMAS OBRAS DE SBH

SBH anuncia à TRIBUNA seus próximos livros:

1. "História da Civilização Brasileira", pela Difusão Européia do Livro, em 5 volumes, trabalho de equipe dirigida por ele;
2. "Cobra de Vidro", em 2.ª edição, pelo Instituto Nacional do Livro, com o enxêrto de algumas críticas literárias;
3. "Tentativa de Mitologia", pelo Serviço de Documentação, coletânea de artigos de assuntos brasileiros;
4. Um estudo sobre Euclides da Cunha, discurso de posse na Academia Paulista de Letras, que se dará breve (Euclides é o patrono da cadeira);
5. "Caminhos e Fronteiras", reedição, pela Editora José Olympio.

Sérgio não pensa em reunir em volume suas críticas literárias da "fase carioca", contrariando assim sugestão de admiradores. Está ocupado em escritos mais importantes, que lhe levam todo o tempo disponível.